



A Jovem Parca, de Paul Valéry – um convite à leitura

The Young Park, by Paul Valéry – *An Invitation to Reading*

Alvaro Faleiros

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

CNPq

faleiros@usp.br

<http://orcid.org/0000-0001-7507-7801>

Resumo: Em 1917, Paul Valéry publica, depois de décadas de silêncio, um longo poema escrito durante toda a Primeira Guerra Mundial. *La Jeune Parque*, que retoma a forma clássica do alexandrino de Racine, projeta Paul Valéry à esfera de poeta oficial da França, por sintetizar, em certo sentido, a atmosfera ambígua e movente de seu tempo. Traduzido em 1987 por Augusto de Campos de acordo com as regras consolidadas no Brasil de valorizar rima e métrica, ele é aqui reescrito em prosa poética para que as modulações que implicam em seu jogo de imagens se tornem ainda mais evidentes. Leio o poema na chave do luto, pois agora decerto chorar é preciso.

Palavras-chave: Paul Valéry; *A Jovem Parca*; Augusto de Campos; ética da retradução.

Abstract: In 1917, Paul Valéry published, after decades of silence, a long poem written throughout the First World War. *La Jeune Parque*, which takes up Racine's classic Alexandrian form, projects Paul Valéry as the official French poet, for somehow synthesizing the ambiguous moving atmosphere of the moment. Translated in 1987 by Augusto de Campos, according to the consolidated rules in Brazil of metric value and scale, it is rewritten here in poetic prose so that the modulations that imply in its game of images become even more evident. I read of the poem in the key of mourning, because now probably it's time to cry.

Keywords: Paul Valéry; *La Jeune Parque*; Augusto de Campos; ethics of retranslation.

Convite

Para que serve a tradução? Para onde vai? Certo com frequência para pagar as contas, o que às vezes tem seu preço. Que o digam aqueles que traduzem contratos fraudulentos, documentos secretos, textos sagrados, cartas de amor alheias... Para que serve a tradução quando a morte ronda, quando os líderes deliram, quando os investidores mostram quem são: tubarões à espreita, contas fantasmas, vampiros?

Imagino Baudelaire lendo Poe. O impacto de ver as ruas saltando pelas páginas, com seus recantos imundos, seus encantos fedorentos e também o grito da morte regulado pelo desenho do verso em inglês. Súbito, a vontade de fazer com que aquilo lhe pertença. Traduzir. E Poe não era Racine. Baudelaire bem o viu. Imagino ainda Baudelaire se aproximando de cada sílaba, linha a linha, redesenhando, alinhavando sucessivamente em prosa poética o que em inglês era isométrico. E súbito lhe salta o poema despido de armadura.

Em tempos tão armados e doentes, doentios como os nossos, sinto-me impelido a pensar o Tempo e como ele modula nossas compreensões. Encontro uma de suas humanas faces num poema... O dom do poema, assim como vento. Às vezes ágil e denso, outras só de brisa. Tempos armados troam e a Morte se impõe e abraça o tempo.

Sinto-me diante de um momento solene. Os ogros, certo, bradam. Os mortos não. Os ladrões conchavam, os cansados dormem. Os mortos não. Os doentes lutam, os soldados lutam, os crentes lutam, os oprimidos lutam, os negros lutam, as mulheres lutam, os indígenas lutam, os humanos lutam, os bichos lutam, as plantas lutam, os espíritos lutam. Os mortos, não. Meu *ethos*, morada: no verso, pelo verso, luto.

La Jeune Parque

Paul Valéry publica, em 1917, o poema *La Jeune Parque* [A Jovem Parca]. Há décadas sem escrever poemas, ele volta por aí à escrita de poesia. Como nos lembra Augusto de Campos (1987, p. 30), em 1929, em carta a Georges Duhamel, Valéry revela que esse poema se fez “sob o signo de marte”, numa espécie de “culto a alguma em desapareição”, performado no texto por uma figura mitológica – a Parca. Trata-se do nome dado, na mitologia grega, às três deusas – Cloto, Láqueis e Atropos – que fiavam, enovelavam e cortavam o fio da vida. Assim produz-se esse olhar de quem habita e tece os fios entre morte e vida. Por meio

dela, a Parca, o “eu” do poema, se confunde, renasce, se desdobra. Troca de pele assim como a cobra. Precisa ir lá no alto fundo dos templos da primeira história, heleniza. Se transmuta em Pitonisa, sangra e chora, corpo de mármore e árvore, pois a vida insiste, doída e também quente como o sol. Ainda que, ladeando tantos corpos, seja difícil não chorar e chorar... São as modulações que importam.

Os três grandes movimentos do poema foram, via Pierre-Olivier Waltzer (1953), sintetizados por Augusto de Campos (1987, p. 33-34). Aqui os resumo assim:

Parte I

Noite mediterrânea. Uma ilha. Sobre a rocha, ante o mar, a jovem Parca desperta e se interroga. Início do monólogo. Invocação dos astros. Picada de serpente. Movimentos da serpente. Aparição da “irmã secreta” (sensualidade) que se prefere à consciência. Adeus à serpente. Divisão entre as irmãs.

Parte II

Harmoniosa Mim (consciência abstrata). A jovem Parca saúda seu novo ser que emerge após embates interiores. Lembranças. Hesitações. Visão da Morte. Sobrevivência. Conflito entre a parte misteriosa iluminada pelo sol e a sombra que segue os movimentos todos. Quando está prestes a sucumbir à voluptuosidade, há reação espiritual do corpo. Apelo à Morte. Primavera. De novo o desejo assalta. Lágrima tardia. Terra.

Parte III

Misteriosa Mim (instinto). Aurora. Saúda poder sobreviver à ideia do suicídio (fazer do mar seu túmulo). Hino às ilhas, à divisão do ser. Volúpia do não-ser. Sedução da Morte. Redespertar sensual. Consciência do sono.

Final

Despertar do sono. Sol da vida. Após a longa divisão ela renasce, de carne e osso, resoluta a viver.

O que interessa é, sobretudo, as linhas de força que se desenham pelo modo como “se interpõem e intrapõem as duas consciências [...] vozes que conduzem a urdidura da trama interior” (CAMPOS, 1987, p. 35). A forma escolhida por Valéry foram os monumentais alexandrinos, com rimas paralelas. Não poderia ser diferente: Valéry foi a suas raízes, Racine. Chegamos aqui a um limiar. Desde aqui impõe-se a escolha.

Augusto de Campos tradutor

Como dimensionar em que medida esse poema deve aqui ser reescrito? Uma ética, ou como preferimos, uma *poiética* do traduzir deve aqui escolher o que performar. Em 1987, quando publica *Linguaviagem*, Augusto de Campos consolida sua trajetória de crítico via tradução, tanto é que, em sua “Breve introdução”, faz questão de lembrar, logo nas primeiras linhas, que esse seu novo livro é “parente próximo de *Verso reverso controverso*; de *Paul Valéry: a serpente e o pensar*; de *O anticrítico*” (CAMPOS, 1987, s.n., grifo do autor). Nele encontra-se, como um de seus momentos-chave, *A Jovem Parca* de Paul Valéry. No início de sua apresentação do poema, Augusto de Campos (1987, p. 28) cita texto de Valéry em que este lembra que, para poder começar a escrever o poema, precisou impor-lhe as regras mais estritas da poética clássica. Augusto de Campos (1987, p. 35), ao traduzi-lo, também opta pelo alexandrino, e ainda observa: “ainda que usando de um verso-padrão – o alexandrino – que é o mesmo de Racine, o poeta o sensibiliza... aplicando-lhe, como é de seu hábito, uma alta porcentagem de assonâncias e aliteraões”. Um dos exemplos que escolhe para ilustrar o trabalho de Valéry sobre “as cadeias de consonações e vocalizações girando em mosaico musical” é: “*Et brûle, au sombre but de mon marbre béant*” traduzido por “E arde sobre o olhar do meu marfim sombrio”. Aqui, como se pode ler na reescrita a seguir, assim foi esse trecho refeito por mim: “e queima, no sombrio fim de meu mármore aberto”.

A dinâmica sonora interna aos versos de Valéry é, certo, espantosa. Acreditamos que sustentam mais do que um desejo de som, ainda que este se imponha. Digo isso pois o exemplo escolhido pelo próprio tradutor revela o alcance de seus deslizos. Emoldurados em perfeito alexandrino, as sílabas na transcrição de Augusto de Campos produzem imagem fechada “marfim sombrio” que, pelo “marfim”, nos projetam no mundo das joias e adereços. Quando ali, em minha reescrita, lê-se “mármore

aberto”, será difícil não remeter às tumbas que, mesmo em sua escuridão, no poema, se abrem. Qual o preço de se alcançar tal imagem? Qual foi a aposta?

Em 1987, quando se debruça sobre esse monumento chamado *La Jeune Parque*, Augusto de Campos o faz com o desejo de reforçar a aliança, a herança, existente entre Valéry e seu mestre Mallarmé. Serão, pois, os pontos de contato entre as obras que se sobressaem na análise. Augusto de Campos (1987, p. 38) chega ali a retomar o estudo estatístico segundo o qual Valéry teria extraído metade de seu vocábulo de Mallarmé, mas é sobretudo “a técnica do fazer poético” que interessa. A “nova disciplina” e a “economia de precisão” dos versos dos dois poetas franceses representariam uma “postura ético-poética” calcada no que chamou de “ética de recusas” e que estaria também na base do Concretismo. Esta ética seria “levada ao limite pela linhagem Mallarmé-Valéry”. E cabe a ele, poeta de invenção e rigor, cuidar da feitura do verso e assim “exercer as funções de medula e osso”. Esse é o lugar que se atribui Augusto de Campos naquele momento em que a frágil democracia brasileira ensaia seus primeiros passos¹. É o modo de que dispunha para nos convidar a pensar.

Modulações

Convidar a pensar via Valéry, para mim, agora, não é contar pés. Ao perdê-los saltou-me aos olhos o que o próprio poeta francês chamou de “transformação de uma consciência durante uma noite”, ou ainda de “modulação de uma vida” (*apud* Campos, 1987, p. 28). A plasticidade com que passa do espaço de uma noite ao de uma vida ilustra bem como, nas modulações valerianas, alternam-se as escalas. Pensando assim, difícil não se ater ao vocabulário. Em sua comparação das palavras-chave em comum entre os dois poetas, Campos (1987, p. 38) inclui “Virgem”, “palavra-chave de Mallarmé frequente em Valéry”. Para Mallarmé, “virgem” seria sempre sinônimo de “estéril” e, para o discípulo antes, um substantivo. O dístico final de *A Jovem Parca* ilustra bem esse uso:

*Feu vers qui se soulève une vierge de sang
Sous les espèces d’or d’un sein reconnaissant*

¹ Retomo aqui as linhas gerais dos argumentos desenvolvidos em “Situação de Valéry traduzido no Brasil”.

Uma possível tradução semântica seria “Fogos rumo a quem se levanta uma virgem de sangue / Sob as espécies de ouro de um seio reconhecido”. Note-se a polissemia de “reconnaissant”, que significa “reconhecido”, mas que implica também a imagem de algo que está “re-nascendo-com”. Augusto de Campos (1987, p. 126) traduz o verso como segue:

Que uma virgem de sangue em suma se apresente
Em puro ouro ao florir de um seio renascente!

O resultado ao qual cheguei é o seguinte:

Fogo que se ergue, uma mulher de sangue, acolhe e reconhece as
espécies sob o ouro de seu seio!

Em gesto outro, o que me saltou aos olhos diante do verso foi sua luminosidade e seu ardor. O fogo se ergue! Estamos diante do grande final! É o dia que nasce e com ele, de novo, a possibilidade da vida! Quem vive? Tu, Parca, aquela que fia-urde-corta o fio da vida. Virgem? Assim a imaginou Valéry, mas por que depois de tantas travessias novamente virgem? Prefiro imaginá-la, ao longo do poema, jovem de carne e osso, abrindo os braços a todas as formas de vida humanas e não humanas para, ao final, amanhecer mulher.

Aliás, a tensão entre “virgem” e “jovem” é crucial na tradução da Bíblia. Como lembra Geraldo Holanda Cavalcanti (2005, p. 255):

o texto hebraico, traduzido na vulgata por “ideo adulescetulae dilexerunt te”, foi vertido para o inglês em King James como “therefore do the virgens loves thee”. Marvin Pope indica, porém, que a palavra hebraica utilizada *alamót* não envolve necessariamente a conotação de virgindade [virgem em hebraico seria *betuláh*] e quer dizer apenas a mulher núbil ou jovem.

Realizando operação inversa, nesse sentido, omiti ao longo do poema algumas ocorrências da palavra “santa” e seus adereços; e ainda, algumas ocorrências de “alma” em “âmagô” se transmudaram. A conversão dos corpos, nesse gesto trans-formador de abandonar velhas peles, esse é o projeto. E deixar no poema reverberarem suas dinâmicas imagéticas... O início do poema é bastante ilustrativo dessa proposta. Em francês, se lê:

*Qui pleure là, sinon le vent simple, à cette heure
Seule, avec diamants extrêmes? Mais qui pleure,
Si proche de moi même au moment de pleurer?*

*Cette main, sur mes traits qu'elle rêve effleurer,
Distraitement docile à quelque fin profonde,
Attend de ma faiblesse une larme qui fonde,
Et que de mes destins lentement divisé,
Le plus pur en silence éclaire un cœur brisé.
La houle me murmure une ombre de reproche,
Ou retire ici-bas, dans ses gorges de roche,
Comme chose déçue et bue amèrement,
Une rumeur de plainte et de resserrement...
Que fais-tu, hérissée, et cette main glacée,
Et quel frémissement d'une feuille effacée
Persiste parmi vous, îles de mon sein nu?...
Je scintille, liée à ce ciel inconnu...
L'immense grappe brille à ma soif de désastres.*

Quem chora aí, a não ser o vento simples, nesta hora
Sozinha, com diamantes extremos?... Mas quem chora,
Tão perto de mim neste momento de chorar?

Esta mão, nas minhas feições que ela sonha em tocar,
Distraidamente dócil até um fim profundo,
Espere de minha fraqueza uma lágrima que derrete,

E o dos meus destinos lentamente dividido,
O mais puro em silêncio ilumina um coração partido.
A onda me sussurra uma sombra de reprovação,
Ou retira aqui embaixo, nas suas gargantas rochosas,
Como algo decepcionado e amargamente bebido,
Um rumor de queixa e de aperto...
O que você está fazendo, arrepiado, e esta mão gelada,
E que fremir de uma folha apagada
Persistir entre vós, ilhas do meu peito nu?...
Cintilo, ligada a este céu desconhecido...
O imenso cacho brilha à minha sede por desastres.

[tradução semântica]

Na tradução de Augusto de Campos a estrofe ressoa assim:

Quem chora, aí, senão o vento nesta hora,
Só, com diamantes últimos?... Quem chora,
Tão próxima de mim a ponto de chorar?

Esta mão os meus traços prestes a aflorar,
Docilmente dobrada a uma intenção incerta,
Espera que a aflição de uma lágrima verta
E que do meu destino aos poucos divido
O mais puro em silêncio alce o meu ser perdido.
A onda me murmura uma sombra de medo,
Ou retira, afinal, da gorja do rochedo,
Como desilusão bebida amargamente,
Um rumor de queixume, um sussurro oprimente...
Que fazes, eriçada, a longa mão gelada,
Que frêmito de folha a se esvaír, fanada,
Persiste entre vós, ilhas de um seio desnudo?
Eu cintilo, ligada ao céu longínquo e mudo...
O imenso cacho brilha à sede dos desastres.

Não há como negar a perícia, o domínio do verso em Augusto de Campos. Nem é esse o caso. Dentro do projeto a que se dispõe, difícil imaginar soluções melhores. Mas, em termos do encadeamento das imagens, o que se nota? Primeiramente, o vento deixa de ser “simples” e assim sopra mais abstrato. Os “diamantes últimos” podem ser “extremos”, mas não necessariamente os “diamantes extremos” são “últimos”. Valéry se move pelos limiares, visita os extremos e deles se afasta. Não é o último que importa, mas o passeio pelas bordas, assim como a escolha de Valéry pelo feminino “seule”, que faz com que o choro do “vento” e da “hora” se confundam, ambiguidade bem mais difícil de acessar na versão de Campos.

Ao entrarmos na segunda estrofe, elipses multiplicam a dificuldade de entendimento desse já voluntariamente obscuro poema. Assim, “*Cette main, sur mes traits qu’elle rêve effleurer*” [Esta mão, nas minhas feições que ela sonha em tocar] se torna “Esta mão os meus traços prestes a aflorar”. É preciso conhecer o texto em francês para compreender a relação sintática entre “mão” e “traços” como colocada no verso de Augusto de Campos. E os inevitáveis deslocamentos imagéticos seguem: “fim profundo” se transforma em “intenção incerta”; o silêncio que vem “aclarar o coração partido” se transforma em silêncio que “alce o meu ser perdido”. Toda a dimensão corporal – coração – assim de dissolve,

deslizando para o abstrato “ser perdido”. Na segunda metade da estrofe a situação não muda muito. Aí temos a “reproche” [reprovação], que vira “medo”, o rochedo passa a ter “gorja” [“gorge” em francês é comumente traduzido por “garganta”]. E no final, na tradução, o céu, este mesmo que chora com as horas no início desta mesma estrofe, desfaz-se, por necessidade da rima, agora “mudo”.

Não consigo imaginar concentrar forças da dinâmica das imagens mantendo-me preso aos alexandrinos. Estrutura imponente, armadura de clave histórica, o alexandrino provavelmente me levaria aos mesmos tipos de impasse enfrentados por Augusto de Campos. Mas nosso tempo é outro; e para contornar o impasse de certa pompa que os alexandrinos costumam implicar, optei por uma prosa poética solene, como estas primeiras estrofes ilustram:

Quem chora aí, a não ser o vento simples, nesta hora sozinha, com diamantes extremos?... Mas quem chora assim tão perto de mim nesta hora de chorar?

Sonha em roçar as linhas de meu rosto, esta mão distraidamente dócil afeita ao fim profundo. Espera meu gesto frágil e a lágrima que desfaz. E meu destino lentamente se divide, aclara o mais puro em silêncio, o coração quebrado. A onda murmura uma sombra de reprovação. Arranca lá de baixo, da garganta das rochas, aquelas coisas desoladas, bebidas amargas, rumores queixosos, apertos... E tu aí crispada, fazes o que com a mão gelada? Que arrepio de folha extinta persiste entre as ilhas de meu seio nu? Arrisco um lampejo junto a este céu incógnito... O cacho imenso reluz à minha sede de desastres.

Na comparação do texto em francês com sua tradução literal, fica evidente a retomada das enumerações, assim como o uso de certas mudanças na ordem sintática, sempre na busca de uma ordem mais direta, com mínimas omissões. O andamento do verso e o encadeamento das imagens acompanham, pois, bastante de perto os de Valéry, com algumas modulações. Como se pode notar acima, no início da segunda estrofe, optei por uma ordem mais direta com o intuito de facilitar mesmo certos entendimentos, mas sem rebaixar o poema, nem tampouco desmontá-lo completamente. Por isso a organização dos blocos de texto corresponde aos de *A Jovem Parca*. Vale salientar que, neste poema, Paul Valéry opta pelo uso de espaçamentos maiores entre as estrofes, assim como por colocar alguns versos soltos; dinâmica retomada na reescrita abaixo. É

claro que esses breves comentários não dão conta de todas as implicações de uma escolha como a nossa, nem é esse o intuito aqui, pois acredito, com Meschonnic (2011), que prática e teoria são em tradução indissociáveis e que cada texto em cada momento histórico será atravessado por distintos corpos. Agora, neste terrível momento que atravessamos, parece-me importante explicitar que o motivo desta partilha é o desejo de, pelas linhas os versos abaixo tecidos, proporcionar visita a modulações do estado interior e, dessa maneira, afinar certas percepções...

Boa leitura! (É proposital a ausência do original...)

*A Jovem Parca*²

Quem chora aí, a não ser o vento simples, nesta hora sozinha, com diamantes extremos?... Mas quem chora assim tão perto de mim nesta hora de chorar?

Sonha em roçar as linhas de meu rosto, esta mão distraidamente dócil afeita ao fim profundo. Espera meu gesto frágil e a lágrima que desfaz. E meu destino lentamente divido aclara o mais puro em silêncio, o coração quebrado. A onda murmura uma sombra de reprovação. Arranca lá de baixo, da garganta das rochas, aquelas coisas desoladas, bebidas amargas, rumores queixosos, apertos... E tu aí crispada, fazes o que com a mão gelada? Que arrepio de folha extinta persiste entre as ilhas de meu seio nu? Arrisco um lampejo junto a este céu incógnito... O cacho imenso reluz à minha sede de desastres.

Estranhos onipotentes, inevitáveis astros que desdenham a luz das distâncias do tempo, com seu não-sei-quê puro e sobrenatural. Vocês que mergulham nas funduras dos mortais indo às suas lágrimas; soberanos estilhaços, invisíveis armas, arremesso em suas eternidades. E eu só com vocês, trêmula, recém-saída do berço. Sobre o recife mordido pelo espanto, interrogo meu coração, qual dor o desperta? Que crimes em mim e sobre mim se consomem?... E se o mal me persegue pelos sonhos cerrados, lá quando – pelo veludo do sopro, ouro de lâmpadas – meus braços recobrem as têmporas e por um bom tempo no âmago eu espero o relâmpago? Toda? Eu toda dona de minha própria carne, rija pelo arrepio de sua estranha amplidão, em meus doces laços, em meu

² Dedico esta tradução a Roberto Zular, que me despertou para a beleza e para a importância deste poema.

sangue suspensa, eu me via me ver, sinuosa, e dourava, de olhar em olhar, minhas profundas florestas.

Ali eu seguia a serpente que há pouco me mordera.

Que ressaca de desejos esses seus encargos... Que desordem de tesouros arrancam de minha avidez, e que sombra de sede sai da limpidez!

Armadilha... Sob o luar da dor, em abandono, senti-me conhecida mais do que machucada... Desde o âmago traiçoeiro uma ponta me nasce; o veneno, meu veneno, me aclara e se conhece. Tinge uma jovem a mesma enlaçada, ciumenta... Mas por quem estaria ameaçada? E que silêncio fala àquele que me possui?

Deuses! De minha pesada ferida uma secreta irmã queima, que se prefere à extrema atenta.

Vai! Não preciso mais de tua ingênua raça, cara Serpente... Eu mesma me enlaço, vertiginosamente. Chega de emprestar-me tua poção de nós, ou tua fidelidade que foge e adivinha... Me basta meu âmago, ornamento de ruína. Ela sabe, sobre minha sombra, deambulando tormentos, noite adentro, morder meus seios, seus bicos, rochas que enfeitiçam, ali sugar demoradamente o leite dos devaneios... Desmaiam então seus braços de pedrarias, ameaça de amor o etéreo destino. Não podes sobre mim nada mais cruel e desejável... Acalma então essas ondas, lembra os redemunhos dessas promessas imundas... Meu espanto se aperta e estou de olhos abertos. Só podia esperar de meus ricos desertos um parto de tramas e furor reluzindo profundos enleios que ressecam. Vão tão longe que avanço e me altero, a ver se enxergo, desde meus pensativos infernos, os confins que desesperam... Bem sei de meu cansaço e seu teatro. O espírito não é puro a ponto de evitar a fuga solitária da imagem – salto, flama – a derrubar as paredes mornas das tumbas. Tudo pode nascer de uma espera infinita... Até a sombra cede a certa agonia. Avara a alma entreaberta do monstro se amotina. Desses que se retorcem ao passo da porta em chamas... E por mais capcioso e pronto que pareças, réptil de vivos contornos e ágeis carícias, impaciências a postos e penoso langor, o que és perante esta minha longa e eterna noite? Velavas o sono de minha linda negligência... Mas com meus perigos, sou de inteligência mais versátil, Tirso, e bem mais perigosa... Foge de mim! Retoma o fio viscoso do negro retorno... Vai buscar os olhos cerrados de tuas intensas danças, desliza em outras alcovas tuas rendas ambíguas...

Engendra em outros corações os germes do mal. E que nos anéis de teu sonho animal, sôfrega volteie até o dia a inocência ansiosa!... E eu, velo. Saio pálida e prodigiosa, toda molhada de choros que não chorei. Vou pelos contornos dos mortais embalos, por si só, quebrando uma tumba serena. Me acotovelo inquieta e contudo soberana, atenta a minhas visões entre a noite e o olho. Mínimos movimentos consultam meu orgulho.

E eu tremia de perder uma dor divina. Beijava em minha mão esta mordida fina, e só sabia de meu antigo corpo, insensível, um fogo de me queimar as bordas.

Adeus, pensei, MIM, mortal irmã, mentira...

Harmoniosamente MIM, diferente do sonho, mulher flexível e firme seguida pelos silêncios de atos puros... Rosto límpido, por ondas tomado, tão longe que o vento vago veludo os suspende, longos leves brins que ao largo um voo mistura e eleva. Diz... Eu era a igual e a mulher do dia, único amparo de amor à toda-poderosa altitude adorada...

Que raio sobre meus cegos cílios dourados, pálpebras que premem a noite preciosa. Tateante, rogava por essas trevas de ouro. Eu porosa ao eterno que ainda me encerrava, eu ofertada em meu fruto de veludo que ele devora. Nada se me murmurava além da ânsia de morrer. Na fulva polpa que ao sol pode madurar: meu amargo sabor a mim não chegava. Sacrificava apenas minha espalda desnuda à luz. E sobre essa garganta de mel, que terna nasce completando o céu, vinha se aninhar a figura do mundo. Cativa errante, ali no cerne do sol, me alterava ardente e pisava o chão pleno, fiando e desfiando minhas sombras sob o linho. Feliz... Alta feito tantos belos feixes, com meu vestido seguindo umbelas nos rebaixos de sua tênue altivez. E se, contra o fio essa liberdade, se o vestido se rasga nos espinhos, o arco de meu corpo brusco se acusa e me pronuncia, nu sob o véu intenso de vívidas cores, luta com longos laços de flores.

Quase lamento essa vã potência... Atada a seus joelhos lisos, desejanse e obediente, irrompiam prestos meus movimentos cheios de anseios; e um pouco mais ágil apenas, nadavam na argila de meus luminosos sentidos. Na ardente paz dos sonhos naturais, esses passos infinitos pareciam eternos. Esplendor! A meus pés a inimiga, minha sombra, móvel e branda múmia de minha ausência, fácil roçava a terra onde eu fugia à morte ligeira. Entre mim e a

rosa, ela se abriga; sob a poeira que dança discreta desliza sem tocar a flor, e passa e se quebra, espalha... Desliza! Barca funérea...

E eu viva, dura, erguida. Do meu nada secretamente armada, mas, como uma face vermelha de amor e as ventas ao vento das laranjeiras, volto ao dia apenas um olhar estrangeiro... E como pode crescer na noite curiosa de meu coração a parte misteriosa; e desde ensaios sombrios aprofundar-se minha arte! Longe das puras redondezas, sou cativa, pelo desmaio de aromas abatida. Sinto sob os raios arrepiar minha estátua, caprichos de ouro percorrendo seu mármore. Mas não o que vê meu olhar desfeito... Meu olho negro é o limiar de moradas infernais! Penso, abandonado à brisa das horas – âmago sem volta de arbustos amargos – penso sobre a borda dourada do universo, nesse gosto por perecer que toma a Pitonisa, ali onde muge a esperança de que acabe o mundo. Renovo em mim meus enigmas e deuses, meus passos interrompidos de palavras aos céus, as pausas, aos pés do devaneio que segue – espelho d’asa – um pássaro que varia, e joga sobre o sol cem vezes com o nada, e queima, no sombrio fim de meu mármore aberto.

Quão perigosamente do seu olhar a presa!

Pois o olho-espírito sobre praias de seda já vira luzir e desbotar dias demais, daqueles que eu havia predito cores e curso. O tédio, o claro tédio de mirar suas nuances me dava sobre a vida um funesto avanço. A alvorada me desvelava o dia inimigo. Eu meio morta, talvez meio imortal, sonhando que o futuro apenas fosse um diamante fechando o diadema onde se escamba o frio de outros males paridos entre outros fogos absolutos de meu rosto.

Ousará o Tempo de minhas diversas tumbas ressuscitar a noite favorita das pombas, noite que se arrasta pelo fio de um retalho errante – reflexo corado de minha dócil infância – e que mergulha na esmeralda um longo rosa de vergonha?

O lembrar-se – açougueiro! – cujo vento de ouro me afronta sopra na máscara púrpura, impregnando a recusa em mim ardente de uma outra que fui... Vem, meu sangue, tinge a pálida circunstância que enobrecia o azul da distância e a íris insensível de um outro adorável tempo! Vem e consuma, em mim, este pálido dom. Vem! E que eu reconheça e odeie esta criança sombria, este silêncio cúmplice, este tumulto transparente que se banha nos bosques... E que de meu gélido seio jorre a voz até então velada, ignorada, rouca de amor... Colo enfeitado buscando a caçadora alada.

Meu coração esteve perto de um coração que fibrila?

Eu mesma ali, grandes cílios, cri sepultar-me na retrodoçura rindo das ameaças... Rebentos de parra errando em meu rosto seus fios tenazes. E tu... segues tecida de cílios e tonéis fluidos, tenro luar de noite quebrada e de braços confusos?

QUE NO CÉU DISPOSTOS
MEUS OLHOS TRACEM O TEMPLO
E QUE EM MIM REPOUSE
UM ALTAR SEM EXEMPLO

Gritavam de meu corpo inteiro a pedra e o palor... A terra – parco feixe de cor – escorre e recusa a face branca de vertigem... O universo cambaleia e treme em minha haste, pensativa coroa que ao espírito escapa, a Morte quer respirar essa impagável rosa cuja doçura importa à sua conclusão tenebrosa.

Se meu terno odor cinza tua cabeça – oh Morte – respira... enfim esta sua escrava... me chama, desenlaça, me desespera de mim, de mim mesma cansada, imagem condenada... Escute... Não espere mais... O ano que renasce predisse a meu sangue secretos movimentos. O gelo cede a contragosto seus últimos diamantes... Amanhã, sobre um suspiro de Bondades consteladas, a primavera vem quebrar as fontes seladas. A espantosa primavera ri, viola... Não se sabe de onde vem? Mas a candura flui em doces palavras e na ternura é pela terra entranhada... As árvores insuflam recobertas de escamas, carregadas de tantos braços e excesso de horizonte, movem sobre o sol seus estrondosos velocinos, sobem no ar amargo – plenas de asas – suas mil renovadas folhagens... Não escutas fremir esses nomes aéreos, Surda!... No espaço opresso de laços, vibrando madeiras envergadas desde o cimo, a favor e contra os deuses rema a unânime árvore, floresta flutuante cujos rudes troncos levam piamente a suas excêntricas faces, aos dilacerantes adeuses de estupendos arquipélagos... Esse rio de ternura – escutas Morte? – escondido sob a relva...

Qual resistirá – mortal – a esses remoinhos? Que mortal?

Eu, tão pura... Meus joelhos pressentem os terrores de joelhos sem defesa. O ar me quebra. O pássaro perfura inauditos gritos de infância... sombra onde meu coração se encerra. E rosas... meu suspiro as soerguem, vencedor. Dói... Braços doces fecham a corbelha e entre meus cabelos pesa com peso de abelha, mergulhando sempre mais bêbado de beijo agudo, o ponto delicioso

de meu dia ambíguo... luz... Ou tu, Morte! O mais súbito me arrebatava. Bate meu peito, bate. Queima, arrasta tudo. Infla, incha, estende, dura, doce cativa testemunha de minhas redes de azul

... Dura em mim... mas doce à boca infinda...

Caros fantasmas nascentes cuja sede à minha se enlaça. Desejos... Rostos claros... Os frutos lindos do amor, os deuses formaram seu maternal contorno. Essas sinuosas bordas, suas dobras e seus cálices, para que a vida abrace um altar de delícias onde se mescla aos eternos retornos o estranho espírito; a semente, o leite o sangue fluem vivos? Não! O horror me ilumina, execrável harmonia! Cada beijo anuncia uma nova agonia... Vejo flutuando, indo, a honra das carnes dos Manes imponentes – milhões de amargos na boca... Não, sopros! Não, olhares, ternuras... Meus convivas, povo alterado de mim suplicando que vivas, não receberão de mim a vida... Saíam espectros, suspiros, noite em vão exalada, ao encontro dos impalpáveis nomes dos mortos! Não darei luz às sombras, guardo à distância o espírito sinistro e claro... Não, não pertencerá a você o lampejo dos meus lábios... Meu coração também recusa ceder os seus raios. Tenho piedade de todos nós, oh tormentas de pó!

Deuses! Aí perco os já desconcertados passos...

Imploro apenas as tuas frágeis claridades, demorada em meu rosto sôfrega e dissoluta lágrima, e única a me responder, lágrima que faz tremer em meu olhar humano uma variedade de fúnebres caminhos. Provéns do âmago, orgulho do labirinto. E trazes do coração essa doce amarra, distração de meu sumo precioso, sacrifício de sombras sobre os olhos, tenra libação de pensamentos escusos. Desde a grota temerosa, cavando fundo em mim, o sal misterioso suando muda a água. De onde vens? Que triste e recente trabalho te arranca, demorado, lágrima, da sombra amarga? Escalas meus graus de mortal e de mãe, e rasgando a estrada, fardo convicto, no tempo que vivo, a tua demora não me deixa respirar... Silêncio, bebendo pelas bordas de teu curso... Quem pede que socorras meu jovem fermento?

Feridas, choros, ensaios sombrios, por quê? Por quem essas joias cruéis marcam o corpo frio; cego de dedos erguidos evitando a esperança? Segue sem responder à sua própria ignorância, este corpo, no breu da noite surpreso por ainda ter fé? Terra turva... Nas algas se mistura, leva-me leve mim... Fraqueza de neve essa minha, vai caminhar até sua própria armadilha? Por onde anda meu cisne,

vai onde busca seu voo?... Duração preciosa... Sentimento solo, meu passo em ti derreteria a sagrada segurança! Mas sob o pé vivo que tateia e que a cria e toca com horror seu pacto natal, esta terra tão firme atinge meu pedestal. Por ali, entre esses passos, sonha meu precipício... O rochedo impassível de algas, à fuga propício – como em si mesmo inefavelmente só – começa... e o vento parece, por entre os lençóis, urdir em barulhos de mar uma trama confusa, mistura de remo e de ruínas de lâmina... Tantos longos soluços, lamúrias duras, quebradas, ao largo... e todos os destinos lançados perdidamente diversos rolando o esquecimento voraz...

Dói... meus pés nus, aquele que encontrar seu rastro vai parar de sonhar por um bom tempo somente consigo?

Terra turva... Nas algas se mistura, e me leva!

Misteriosa MIM, contudo, ainda vives. Vais te reconhecer no sol que nasce amargamente a mesma... Um espelho do mar se ergue... E sobre o lábio o sorriso de ontem anuncia enfadado o apagamento dos signos. Gela... no oriente as pálidas linhas de luz e pedra, prisão repleta onde flutua o anel do único horizonte... Olha... Vê-se um puríssimo braço, desnuda-se... Revejo-te meu braço... Trazes Aurora...

Oh rude despertar de vítima inacabada... Doce limiar que adula, lambida de coral, a marola, e lava a onda amortecida... A sombra que me abandona me descobre vermelha de novos desejos, sobre o terrível altar de todas as minhas lembranças.

Ali a espuma se esforça a se fazer visível; acolá titubeia sobre a barca em que dança, nos ombros das ondas, um sempiterno pescador. Tudo então sucumbe ao ato solene de sempre ressurgir incomparável e casta; e de restituir a tumba entusiasta ao gracioso estado do riso universal.

Um brinde! Ninfas Rosa e Sal. Jogos primeiros da luz primeira. Ilhas! Favos prestes, chama por onde sua rocha quente sente, enquanto cora, poderosos paraísos... Cimos, tímidos fogos fecundos, bosque zumbindo ideias e bichos; hinos, homens de tantos dons, desses do justo éter. Ilhas... no rumor das cinturas do mar, sempre mães virgens, mesmo com suas máscaras, são de joelhos maravilhosas Parcas: nada nos ares se iguala a flores que plantam, mas nas profundezas como gelam os seus pés!

Preparo sobre a têmpera pasmada, no âmago, morte minha, criança secreta e já crescida; e você também, desgosto divino, que tanto me anima. Castas distâncias dos lustres do destino, vocês foram apenas, fervor, nobre duração? Nem aquele dos deuses que mais perto se aventurou não ousou pintar no rosto o sopro sequestrador; nem da noite perfeita implorando a espessura, ousou almejar pelo lábio o supremo murmúrio...

Eu sustentava o brilho da morte pura tal como outrora havia o sol sustentado... Meu corpo pendia, torso nu, desesperado, ali onde embebedado de si, de silêncio e de glória – prestes a desvanecer com sua própria memória – o âmago escuta bater, com certa esperança contra o muro clemente esse coração; que se arruína em trancos misteriosos, até não sustentar de qualquer complacência nada além do que um fino desfolhado arrepio, a minha presença...

Espera vã, e vã... Não pode morrer quem diante do espelho chora por ternura.

Não deveria eu, na folia, cumprir minha maravilhosa sorte de escolher como suplício esse lúcido desdém das nuanças do destino? Jamais encontrarás morte mais transparente, nem rampa mais pura do que esta que subo perdida, do que este longo olhar de vítima pálida e entreaberta, que se resigna e sangra sem remorso? O que faz o seu sangue feito apenas segredo? Em que branca paz a deixa esse violeta, no extremo do ser, e bela de fraqueza! Ela acalma o tempo que vem aboli-la; o soberano momento já não pode descolori-la; tão vazia sua carne beija a fonte sombria. Ela cada vez mais distante e sozinha...

E eu, de tal destino, o coração cada vez mais vizinho, em cortejo me embalo, entre ciprestes, em espírito... Rumo a um aromático porvir de fumaça, senti-me conduzida, ofertada e consumida, toda, toda prometida a nuvens felizes... Até parecia-me a esta árvore vaporosa, cuja majestade levemente perdida se abandona ao amor por toda vastidão. Me ganha o ser imenso, e do incenso de meu coração que queima expira uma forma infinda... Corpos que luzem tremem em minha essência...

Não! Chega! Não irrites a reminiscência, lis sombria... Tenebrosa alusão dos céus, teu vigor não pode romper a preciosa nau, não... Entre todos os instantes tocavas o supremo... E quem triunfará sobre a própria potência, ávido por contemplar pelos teus olhos o dia, e quem escolheu teu rosto como luminosa torre?

Busca, pelo menos diga a si mesma por qual surdo curso a noite, de entre os mortos até o dia te encaminha... Lembre-te de ti e puxe do instinto este fio – teu dedo dourado luta por ele na aurora –, esse finíssimo fio cegamente seguido até a margem te trouxe à vida... Seja sutil... Cruel... Ou mais sutil... Minta, mas saiba... Ensina-me por quais encantos, covarde que não soube fugir de sua morna fumaça, nem receio de um seio de argila perfumado? Por qual giro sobre si, réptil, retomaste teus perfumes de caverna e teus tristes espíritos?

Ontem, a carne profunda, ontem, a carne amante me traiu... Sem sonhos, e sem uma carícia... Nem demônio, nem perfume me ofertou o perigo de imaginários braços morrentes em colo viril. Nem, pelo Cisne-Espírito, de plumagens machucadas, sua ardente brancura roçou meu pensamento...

E conheceu, contudo, o mais terno dos ninhos! Em favor de meus membros unidos, Jovem fui na sombra adorável oferenda... E o sono envolveu-se em tão grande doçura... E eu vinculada a mim mesma, nos vãos de meus cabelos, mansamente o império dos nervos perdi.

No meio dos meus braços outra me fiz... Quem se aliena?... Quem decola?... Quem chafurda?... Em que desvio oculto meu coração fundiu-se? Que concha redisse o nome que perdi? Sei que refluxo traiçoeiro retirou-me de minha pura e prematura extremidade e retomou o sentido de meu vasto suspiro? Como o pássaro poussa, foi preciso amortecer-me.

É a hora, talvez, em que a vidente interior se desgasta e se desinteressa: ela não é a mesma... Criança profunda dos graus ignotos em vão se defende e pede de novo ao longe novamente suas mãos abandonadas. É preciso ceder aos votos das mortes coroadas e assumir como rosto um sopra...

Suavemente,

Eu aqui com o rosto rente a esse consentimento... Este corpo, eu o perdo, com gosto de cinzas. Me volto inteira ao prazer da descida, aberta, tendo ao breu como testemunha, de braços supliciados, entre palavras sem fim, sem mim, balbuciadas... Dorme sabedoria, dorme. Forma-te nessa ausência, retorna no germe e na sombria inocência. Entrega-te viva aos tesouros e às serpentes... Dorme sempre, desce... Dorme sempre... desce, dorme, dorme sempre!

(A porta baixa é uma aliança... onde a gaze passa... Tudo morre, tudo ri pela garganta que conversa... O pássaro bebe em tua boca e não podes encará-lo... Desça mais, fale baixo... O breu não é assim tão breu...)

Deliciosos lençóis, minha morna desordem, camada onde me expando, interrogo e cedo; e onde ia afogar das batidas coração, quase tumba viva que respira e sobre quem a eternidade passa – escuta? Que lugar é esse tão repleto de mim e me tomando inteira, forma de minha forma. Essa oca de calor com sua volta sobre mim se reconhece; e recoloca esse orgulho pela roça assim tão pouca e mesmo assim cheia de si, para no fim cair na compostagem dos sonhos. Nas toalhas, onde lisa imitava a morte a imagem, apesar de si mesma, se acomoda e adormece, mulher exausta, absoluta, com os olhos cheios d’água, quando, de seus segredos nus, antros e feitiços, e desse resto de amor que o corpo em si guardava, corrompe-se a perda e seus acordos fatais.

Secretíssima arca, estranha vizinha, pensei transpassar, esta noite, a tua corrente; mas só embalei lamentos, teus flancos repletos de dias e de criações... Como assim? Meus olhos – frio que tanto azul erra – ali observam uma estrela fina e rara perecer. E esse sol menino dos meus espantos parece clarear os tormentos da anciã. Tanta é a chama desse sol que chega a quarar rancores; compõe de aurora seu composto, substância que já se formava substância tumular... ah... sobre os meus pés, por sobre o mar, lindo o sol vem... Sou sempre essa que respiras, meu véu evaporado rumo a teu reino gira...

...E então, terei eu apenas formado – vão adeus se ainda vivo – sonhos? Se venho em roupas serenas, pela margem, sem horror, esfumar da alta espuma, beber com os olhos o imenso e risonho rancor, o ser contra o vento, no ar mais vívido, recebendo no rosto o apelo do mar; se o âmago intenso sopra e insufla furioso a onda abrupta caindo sobre a onda, e se a onda, ao fim e ao cabo, estronda imolando um monstro de candura, e vem lá do alto mar vomitar a fundura sobre a pedra, de onde brota e versa sobre meu pensar um ofuscamento de estrelas frias, e sobre toda minha pele mordida pelo áspero despertar, apesar de mim, mesmo assim, é preciso – Sol – que eu adore meu coração onde vens te conhecer, doce e pulsante delícia por onde se nasce...

Fogo que se ergue, uma mulher de sangue, acolhe e reconhece as espécies sob o ouro de seu seio!

Referências

CAMPOS, Augusto de. *Linguaviagem*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas traduções*. São Paulo: Edusp, 2005.

FALEIROS, Álvaro; ZULAR, Roberto. Situação de Valéry traduzido no Brasil. *Remate de Males*, Campinas, v. 38, n. 2, p. 631-682, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20396/remate.v38i2.8652859>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8652859>. Acesso em: 7 nov. 2020.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do Traduzir*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

WALTZER, Pierre-Olivier. *La poésie de Paul Valéry*. Paris: Pierre Callier Editeur, 1953.

Recebido em: 30 de abril de 2020.

Aprovado em: 29 de setembro de 2020.

Vária



